

MULHERES RURAIS E AS EXPERIÊNCIAS DE LAZER: TRADIÇÃO E  
MUDANÇAS<sup>1</sup>

Fernando Jaime González

Maria Simone Vione Schwengber

Naira Leticia Mendes Pinheiro

RESUMO

*O presente artigo tem por objetivo mapear as experiências de lazer desenvolvidas por um grupo 230 de mulheres rurais do município de Joia-RS. Utilizamos de uma abordagem qualitativa, a partir de análise de discurso (Foucault, 2010). Constatou-se que as experiências de lazer das mulheres se movimentam entre a tradição e mudanças - da religião as tecnologias.*

*PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Rurais; Lazer.*

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa investigação a partir de um inquérito na direção de mapear as experiências de lazer de um grupo de mulheres rurais. A pesquisa de campo ocorreu na região do Planalto das Missões do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na Região Noroeste, pertencente ao Território da Cidadania do Noroeste Colonial. Realizamos o estudo em Joia-RS, uma vez que este foi um dos municípios brasileiros que teve o maior aumento na população rural<sup>2</sup> nas últimas duas décadas do século 20, em consequência de oito assentamentos da reforma agrária.<sup>3</sup>

A escolha das mulheres<sup>4</sup> rurais como sujeitos da pesquisa se constitui como um exercício político de dar visibilidade à vida e às experiências em relação ao lazer. As

<sup>1</sup> O presente trabalho contou com apoio financeiro do CNPq para sua realização e desdobra-se de uma pesquisa de campo, realizada no transcorrer de dezembro de 2012 a dezembro de 2014. Chamada MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012.

<sup>2</sup> Conforme dados do IBGE (INSTITUTO, 2013), a população total do município de Joia é de 8.331, e a população rural é de 74,9%, num total de 6.158 pessoas, e a população urbana é de 25,1%, num total de 2.219 pessoas.

<sup>3</sup> É uma cidade que se destaca no Estado por acolher oito assentamentos agrários. O Núcleo Operacional de Joia é composto por oito assentamentos: Barroca, Ceres, Rondinha, Novo Amanhecer, Santa Tecla, Trinta e Um de Maio, Tarumã/Vinte e Cinco de Novembro e Simon Bolívar, compreendendo em torno de 704 famílias assentadas.

<sup>4</sup> Optamos por utilizar expressão “as mulheres”, que tem a ver com uma opção teórica feminista que assumimos, baseada em Louro (1996) e Meyer (2003), de pensar a pluralidade de sujeitos femininos a partir de múltiplos atravessamentos, tais como: raça, geração, etnia, classe, religião. Concordamos com as autoras quando estas afirmam que não há a “mulher”, mas sim as mais



mulheres rurais (suas histórias) como objeto de estudo, são ainda pouco estudadas na literatura brasileira. No campo de gênero, há o entendimento de que existem objetos de estudos e sujeitos que são pouco conhecidos e/ou levados em consideração, ou, ainda, condenados ao silêncio. Outro aspecto que justifica a opção pelo tema diz respeito à quantidade razoável de estudos sobre o lazer no meio urbano<sup>5</sup>, e poucos estudos sobre o lazer no meio rural, sobretudo das mulheres. Destacamos que optar por compreender as experiências das mulheres rurais é uma possibilidade de participação nessa disputa política pelo lugar do discurso – aqui os das mulheres rurais.

Carneiro e Maluf (2003) nos estimulam a um [...] novo “olhar” sobre o meio rural que permite analisar a interação social entre famílias e territórios na dinâmica da vida. Isso implica considerar os modos de vida das famílias rurais na sua integridade, e não apenas seus componentes econômicos, como também incorporar à análise a provisão social, relacionada ao patrimônio cultural, como é o caso do lazer.

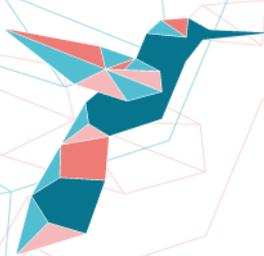
Dessa forma, a experiência rural é entendida como uma unidade social e cultural e não apenas como uma unidade produtiva. A análise do rural vai além dos meios de produção, e este passa a ser visto como lugar para morar, para aprender, para o lazer, enfim, para viver. Não se trata de desqualificar o potencial produtivo do meio rural, mas de ampliar o significado social e pensar nas ruralidades<sup>6</sup>. Precedemos a seleção das entrevistadas a partir de uma porcentagem de inquéritos em razão da variação populacional de cada assentamento. Como elemento fundante das análises erigidas, utilizamos como tipologia a pesquisa de caráter qualitativo. Assim, depois desse inquérito inicial, compomos uma entrevista em profundidade a partir de blocos temáticos: características sociodemográficas delas e da família; trajetória até chegar aos assentamentos; forma de deslocamento; uso do tempo livre e de lazer; cuidados consigo e com o seu semelhante, entre outros desdobramentos. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas e analisadas pelo método de análise do discurso (FOUCAULT, 2010). Olhamos a linguagem discursiva das entrevistas tomando-as como depoimentos e falas, enquanto lugar de uma produção discursiva.

---

diversas “mulheres”, e que aquilo que forma a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente forma a pauta de outras.

<sup>5</sup> Relacionados aos espaços, as políticas, aos comportamentos, entre outros recortes de estudo.

<sup>6</sup> Temos no Brasil uma grande diversidade de situações, múltiplas condições e posições de territorialidades rurais.



Visamos compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010) a partir das entrevistas. Desde uma perspectiva foucaultiana, procuramos situar os pressupostos que carregam os discursos, com quais estratégias se relacionam e quais as propostas enunciativas que se colocam a partir dos enunciados das falas. Os depoimentos são textos, o que possibilita tomá-los na análise de discurso, como um quadro de referência conceitualmente organizado, porém metodologicamente aberto. Ouvimos, então, as mulheres com atenção – o que dizem e como dizem. Tomamos como objeto de compreensão, os sentidos para entender como os discursos funcionam. Perguntando: *Quais lógicas discursivas movimentam? Que posições de sujeito são ocupadas?* Objetivamos analisar as manifestações de experiências de lazer de um grupo de mulheres rurais.

## MULHERES ENTREVISTADAS

Entrevistamos 223 mulheres<sup>7</sup>, com idade entre 16 a 76 anos, sendo 56 evangélicas e 167 católicas.<sup>8</sup> Considerando o grau de escolaridade, apenas 12 estudaram o Ensino Superior e 42 concluíram o Ensino Médio. As demais estudaram o Ensino Fundamental. Das entrevistadas, 20% usufruem hoje da aposentadoria rural. Os dados levantados nas entrevistas nos mostram que elas se dedicam quase que exclusivamente ao trabalho doméstico familiar e à agricultura, com exceção de 14 mulheres que são funcionárias públicas ou domésticas que exercem sua função concomitante ao trabalho de casa.

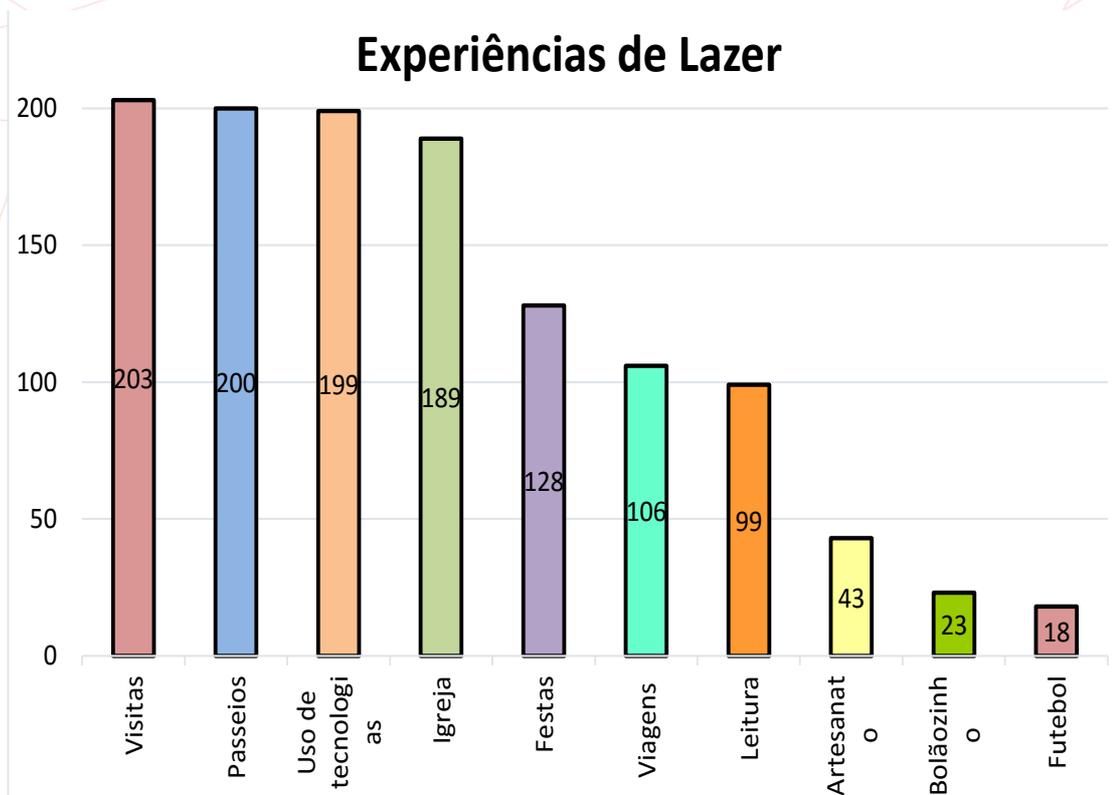
A partir do conjunto das entrevistas organizamos, inicialmente, um mapeamento das principais experiências de lazer (gráfico 1), salientamos que as mulheres geralmente experenciam mais de uma.

### Gráfico 1 – Experiências de lazer

---

<sup>7</sup> Utilizamos uma amostra representativa mulheres num percentual (de 32%) de cada um dos assentamentos.

<sup>8</sup> Destacamos que a Teologia da Libertação na América Latina se ocupou pastoralmente de um trabalho junto aos empobrecidos, sobretudo com os movimentos sociais, com uma forte de inserção nos meios populares.



Como se vê no gráfico, as experiências de lazer se concentram: religiosas, de descanso, visitas na rede de vizinhança, nas festas comunitárias e campeiras, com tecnologias como o rádio, a televisão, o computador com acesso a internet para *download* de filmes, músicas, jogos, acesso ao *facebook*, blogs e/ou, participam de listas de discussão e fóruns em comunidades *on line*. Observamos um maior alcance da internet<sup>9</sup>, assim como o manuseio e interação com celular, *tablet*, câmaras digitais<sup>10</sup>. Essas experiências com as tecnologias elas nomeiam e situam como uma das formas de lazer.

Do conjunto das experiências de lazer, destacam-se, como se vê no gráfico, as experiências religiosas e as experiências com o uso das tecnologias digitais, por isso a tomamos como categorias de análise neste artigo. Nas entrevistas é possível conhecer aspectos importantes das relações históricas com o lazer (entrevista com as mais velhas) e compará-las com as gerações mais novas, levando em conta as temporalidades, os interesses, o espaço de lazer e suas ligações com a manutenção do tecido social.

<sup>9</sup> E que tem incorporado as mídias tradicionais (televisão, rádio, jornais, revistas) pelo seu poder de convergência tecnológica e comunicacional.

<sup>10</sup> Algumas produzem próprios vídeos, os registros das situações cotidianas, como das plantações, dos bichos.



Tomamos a noção de experiência a partir das contribuições de Foucault (2003). Quando Foucault se pergunta como seres humanos se tornaram (historicamente) sujeitos, mostra a maneira como fomos (e somos) subjetivados a partir de uma série de discursos, instituições, estruturas espaciais arquitetônicas, leis, enunciados científicos, religiosos, proposições morais e filantrópicas. Em outras palavras, questiona como a partir destes “dispositivos” foi (é) possível uma determinada “experiência de si” envolvendo modos historicamente peculiares de se fazer “*ferramentas para fabricação*” – tecnologias do eu. A experiência de si apresenta-se numa contingência histórica e cultural (LARROSA, 2000).

Apresentamos a seguir as duas unidades de análises. Na primeira argumentamos as experiências religiosas como um modo de produzir o protagonismo delas. E na segunda as experiências tecnológicas como produtoras de uma individualização das práticas de lazer.

Nas próximas duas subseções apresentamos a primeira unidade analítica e na terceira a segunda unidade.

## AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E O PROTAGONISMO DELAS

Seguindo a ordem de relevância das experiências de lazer, observamos que 202 mulheres, num universo de 223 mulheres estudadas, indicam as experiências religiosas como uma das suas principais atividades de lazer. Essa articulação da tríade mulheres, lazer e religião é contingencial. Como afirma uma delas: “Lazer? É mais a igreja mesmo. Adoro ir na igreja” (Janete, 46 anos). A literatura socioantropológica tem frequentemente salientado que as mulheres são, no Brasil, as mais sensíveis às atividades no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória. As experiências religiosas parecem afetar de modo peculiar em especial as mulheres no meio rural estudado. São elas que estão muito mais envolvidas e ao alcance dos discursos religiosos. As mulheres estão mais sensíveis a cultivar as experiências de religiosidade.

Observamos que para o grupo de mulheres estudadas, sobretudo as mais velhas, o engajamento nas experiências religiosas<sup>11</sup> ocorre até três vezes na semana, e se dá por um

---

<sup>11</sup> As comunidades católicas estudadas recebem o padre da paróquia para a realização da missa uma vez por mês apenas, mas elas organizam os cultos semanalmente. Nas igrejas evangélicas formam-se grupos e é escolhido o pastor ou pastora para realizar o culto, podendo ocorrer até três vezes na semana.



conjunto de atividades, tais como: ir à igreja, às missas, aos cultos, às novenas, ida (e assistem) aos chamados shows da fé, organizam as celebrações, rezam, refletem sobre o evangelho, a Bíblia, a evangelização nas áreas circunvizinhas. Elas se envolvem também nas festas religiosas, nas visitas aos idosos da comunidade que estão doentes e em um conjunto de atividades comunitárias de caridade e também em sepultamentos das pessoas da comunidade.

Poucas mulheres pesquisadas participam como expectadoras. Na grande maioria estão envolvidas na organização e no desenvolvimento das atividades religiosas. Uma delas – a Helena (57 anos) – nos disse: “eu adoro estar lá na igreja, participando, me envolvendo, convivendo com as pessoas”. Dona Delma (57 anos) nos contou: “Fui catequista. Me envolvi oito anos com pastoral da saúde e pastoral da criança; Eu amo; é um lazer. Quando eu paro por algum problema familiar, eu sofro com isso”. Outra acrescenta: “eu adoro ir a igreja; é uma atividade diferente do que as atividades familiares. Aqui nós, as mulheres no meio rural, coordenamos, ou melhor, decidimos” (Salete, 54 anos). Outra diz: “nós aqui, as mulheres, somos uma grande família, um grupo; aqui quem decide são mais as mulheres” (Rosane, 41 anos). Mais uma participa dizendo: “para mim é um lazer perto do trabalho pesado que tenho na propriedade” (Dalila, 57 anos). “Meu véio não tem ciúmes *deu* ir na igreja” (Salete, 54 anos).

E, assim, por meio das entrevistas e das observações, é possível perceber aspectos comuns no que diz respeito às experiências religiosas. Partimos do fato de que as mulheres reconstruem o que chamamos de um protagonismo, como as principais personagens de mobilização das atividades religiosas, no caso aqui das comunidades. Elas têm papel de destaque nesses acontecimentos religiosos. Nas missas e nos cultos fazem leituras dos salmos, mesmo que o nível de suas leituras não seja o mais proficiente; ajudam nos rituais como os de batismos e de morte (velórios, enterros), acompanhando padres e pastores; assumem as aulas de catequese; têm atividades na pastoral da família e da saúde sem contar que muitas delas são as responsáveis pelas chaves e pela limpeza das capelas. Entendemos que esse protagonismo é o modo como as mulheres marcam sua participação pública nas comunidades, onde se relacionam com o mundo público mais amplo. A religião, ou melhor, a instituição religiosa, dá para essas mulheres uma posição de atuação.

Argumentamos, ainda, que o engajamento religioso (participação) possibilita, além do protagonismo, autonomização da mulher. De maneira específica, reforça sua presença feminina no espaço público. No caso das mulheres, essa participação produz uma certa



autonomização, dando ênfase aos valores individuais que conduz a uma redefinição da posição (lugar) delas no mundo. A mulher inverte simbolicamente sua posição na hierarquia de gêneros, adquirindo uma superioridade moral ante ao grupo comunitário (MACHADO, 1994).

Podemos pensar as experiências religiosas como um modo de engajamento no setor público, quando passam a questionar o confinamento no lar e o seu papel subordinado, rompendo, de certo modo, com a submissão e a docilidade tradicionalmente femininas. Se os homens, de fato, têm mais poder na estrutura de gênero hegemônica, e podem se comportar de maneira mais liberal na sociedade mais ampla, as mulheres também podem, por intermédio da religião, definir estratégias para lidar com essa assimetria.

As atividades religiosas como um modo de engajamento no setor público, criando a possibilidade de as mulheres participarem de uma rede social pública mais ampla do que a família, rompem com a rotina do cotidiano feminino, na medida em que liberam as mulheres de uma vida restrita às questões domésticas, levando-as para uma vida mais pública (SENETT, 1999).

A partir da década de 60 o feminismo contemporâneo analisou as grandes religiões ocidentais e cristãs, sobretudo o catolicismo. Tratava-se de compreender sociologicamente a relação das mulheres com o fenômeno religioso. Em termos gerais, os estudos perguntavam: “Por que as mulheres buscavam a religião se a religião ratificava-lhes um lugar de subalternidade na sociedade?” (SCAVONE, 2008, p. 1). Assim, grande parte da produção feminista de pesquisadoras é abraçada por essa linha de raciocínio que aponta para uma vinculação entre o tipo de papel atribuído à mulher pelo sistema de gênero hegemônico, e algumas produções trazem uma resposta superficial de que os efeitos das práticas religiosas se resumem ao reforço da opressão feminina em relação a um conjunto de moralidades desempenhado pelas religiões no que respeita a uma inferiorização do feminino (NOVAES, 1985, p. 74-75). Na sociologia da religião, estudos como de Gouveia e Rolim (1986) e salientam os efeitos da adesão ao pentecostalismo como uma crítica às injunções da igreja à vida das mulheres e como um reforço à opressão em geral. Já a partir da década de 90, estudos como os de Maríz e Machado (1994), Machado (1994) e Maríz e Machado (1996), começaram a discordar das análises que reduzem toda e qualquer religião a um instrumento de dominação e de opressão.



Nosso estudo (ou melhor, este artigo) caminha na direção de pensar o engajamento religioso olhado (estudado) de um modo mais amplo e complexo e não apenas como fonte de repressão e de alienação do já oprimido/a, uma vez que as mulheres continuam firmemente engajadas nas experiências religiosas. Inclusive as mulheres aqui estudadas nos afirmam que “a religião é o nosso lazer”. Caminhamos na direção de compreender o que as experiências religiosas dão a essas mulheres rurais. Porque as nomeiam como experiências de lazer?

O lazer envolve uma liberdade de escolha (administrada de acordo com as aspirações individuais, estilos de vida, entre outras e com as condições de possibilidades) e uma opção de práticas que abraçam no seu meio pelas condições e possibilidades. Assim, essas mulheres podem estar em busca de um convívio social (lazer) no grupo religioso e, pelo fato de não estarem inseridas no mercado formal de trabalho, doam mais de seu tempo à comunidade religiosa, a qual, por sua vez, a auxiliará no processo contrário à solidão.

Não podemos também esquecer que as experiências religiosas como lazer são de baixo custo, de livre-iniciativa e de escolha pessoal. Talvez a participação dessas mulheres na religião seja influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas nas suas comunidades, e antes devemos nos perguntar: Quais os outros espaços sociais que elas podem usufruir para seu lazer que não lhe remeta à igreja?

## EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: MOVIMENTAM E ANIMAM AS EMOÇÕES DE MODO A DIALOGAR COM OS ASPECTOS DO LAZER CONTEMPORÂNEO

Do conjunto discursivo das entrevistas aprendemos que grande parte das mulheres estudadas se refere às atividades religiosas. “É o nosso maior lazer; porque lá cantamos, conversamos, fizemos evangelização, temos um convívio grupal, amizade, convivemos com os outros, recebemos as bênçãos, ouvimos a palavra. Cantamos muito, nos emocionamos com os cantos e as parábolas” (Dalila, Janete, Irma, Roseli, Cleusa).

Assim, as experiências religiosas são vividas como uma representação da categoria do lazer. Elias e Dunning (2000) afirmam que veem uma relação de “porosidade” entre as experiências de lazer e as religiões na contemporaneidade. As atividades religiosas para essas mulheres e nesse contexto oferecem experiências emocionais propiciadas que elas denominam de lazer, o que favorece a erupção das emoções e de sentimentos variados, como afirmou a entrevistada Roseli (48 anos) ao ser questionada sobre seu espaço de lazer. “Geralmente vou mais à igreja. Isso é lazer, né? Canto, danço, escuto músicas lindas, palavras



lindas do pastor, cultos, os louvores, as orações em voz alta, etc. Me entendo melhor e entendo a vida! Saio leve de lá, com uma sensação agradável de bem-estar (Olga, 38 anos).

Lazer, para Elias e Dunning (2000), são aquelas atividades que oportunizam às pessoas experimentarem a estimulação das emoções/excitações (tensão-excitação das emoções) de forma individual e coletiva; o lazer pensado a partir da ideia da fruição de “emoções agradáveis” de uma ocupação não-remunerada por livre-escolha, mas, antes de tudo, por ser uma ocupação agradável para si mesmo (ELIAS; DUNNING, 2000, p. 111). É uma experiência a partir do afloramento de “emoções agradáveis”. É notório que as atividades (ou engajamento religioso) se articulem aqui como lazer contemporâneo abrindo maiores disponibilidades e possibilidades, bem como têm a finalidade de proporcionar melhores condições de vida em termos das relações pessoais, sociais e, sobretudo, emotivas.

As igrejas transformam cada vez mais os cultos em encontros em um contexto mimético (canto, música, dança), como experiência religiosa. Dunning (2000) sinaliza o tempo contemporâneo como o do “despertar das emoções”. Para o autor, as igrejas têm se transformado em espaço mimético por meio das atividades como o canto, as danças. Produzem um certo “despertar emocional de função desrotinizante” semelhante às atividades buscadas nas práticas dos esportes. Essas práticas corporais (canto, música, dança) são, tradicionalmente, muito mais vinculadas ao feminino do que ao masculino na cultura ocidental.

Lipovetsky (2006, p. 148) afirma que o humano é emocional. As experiências religiosas, como observamos por sua vez, aproveitam essa dimensão e criam uma comunicação, usando recursos e ritos que provocam esses sentimentos que o público busca, garantindo, assim, a eficácia na presença e venda de produtos. Lipovetsky (2006) destaca que a sociedade presenteia-nos hoje com um consumo emocional, signo diferencial que se dá pelo valor da experiência das emoções. Para o autor (2006), no século 21 assiste-se a uma exacerbada valorização das questões emocionais e seus sucedâneos, afetividade e sentidos, processo esse que não apresenta sinais de arrefecimento, mas, pelo contrário, de estimulação. Para Elias e Dunning (2000), as representações miméticas das experiências religiosas “movimentam e animam as emoções”. Para os autores (2000), os momentos de lazer contemporâneo estão cada vez mais associados ao estímulo das emoções.

A seguir passamos a tratar da segunda categoria de análise.



## TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INDIVIDUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LAZER

O que observamos, entretanto, é um forte impulso também das tecnologias digitais, no meio rural estudado. Uma mudança no que converge entre uma sociabilidade contemporânea e as tecnologias digitais. Como se observa nas narrativas: “Quase não tenho lazer. Meu lazer de fato é assistir TV, desde a missa, novelas, documentários (Helena, 57 anos)”. “Navego na internet baixo desde filme até escuto as notícias das rádios da região. Esse é meu lazer e faço sozinha (Roseli, 32 anos)”. “Escuto no rádio e na televisão hinos e programas evangélicos. Adoro esse meu lazer e não dependo de ninguém para ter e fazer (Valdinere – 37 anos)”. “Olho no *face*, acompanhamos os parente e amigos, me divirto (Rosemar – 40 anos)”. “Agora com internet me divirto... faço download de filmes, músicas, jogos, converso com amigos, isso nos ajuda muito também a tirar dúvidas desde os modos de plantar, cozinhar até como se vestir (risos) (Maria, 35 anos)”. “Não sei o que acontece, as tecnologias são envolventes, prazerosas, divertidas ... a internet é uma verdadeira fonte de relaxamento, lazer e alivia um pouco o cansaço e a rotina do meio rural ... em demasia pode provocar briga com o marido (risos) (Marlene, 28 anos)”.

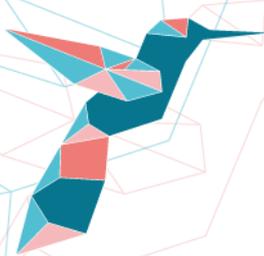
A partir dessas narrativas discursivas é possível pensar que as mulheres reconhecem as tecnologias e nomeiam a internet como um espaço de formação, expressão e lazer, de interação. Como um dos modos de novos lazers e divertimentos. Pode se pensar que assim como a comunicação<sup>12</sup>, o lazer também não é o mesmo depois destas tecnologias. Poderíamos dizer novos modos de lazer são potencializados no meio rural. Para Gomes e Pinto (2009, p. 83),

[...] o imaginário social na sociedade contemporânea é fortemente influenciado pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias. Essa pode ser uma das razões pelas quais a TV e a internet tenham sido apontadas, por vários especialistas que participaram deste estudo, como atividades que configuram o lazer no Brasil.

Werneck (1999) e Schwartz (2006) nos instigam a pensar que as experiências e práticas de lazer incitam um debate sobre um “novo” paradigma frente a uma revolução tecnológica desencadeada pelo cruzamento entre a informática e as telecomunicações. Para

---

<sup>12</sup> Castells (2003) destaca as novas conformações e configurações da comunicação tecnológica configurações da lógica do trabalho produtivo, entre outros aspectos desterritorialização, transnacionalização das informações, acessos.



Castells (2003, p. 164) a internet<sup>13</sup> é um meio de comunicação com lógica e linguagem própria e ainda de que “ela não se restringe a uma área particular da expressão cultural. Atravessa todas elas.” Dessa forma, talvez fosse interessante pontuar que a internet atualiza os conteúdos culturais de lazer e de trabalho. Nessa relação, muitas vezes as fronteiras ficam pouco nítidas. As tecnologias misturam utilidade e objetividade, racionalidade e imaginário, funcionalidade e estética. Ao lado dos processos tecnológicos os afetos, fruições, emoções, novas formas de sociabilidade encontram, ao mesmo tempo em que o lazer se firma como valor na contemporaneidade (LEVY, 1999).

Para Dumazedier (2004) o tempo livre tem sido uma fonte de revisão ética e estética das relações dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o ambiente. Para ele (2004), o lazer contemporâneo é um tempo de expressão de si mesmo, conduz a individualidade, abre novas possibilidades de expressão individual. E ainda destaca que as experiências tecnológicas parecem se situar no campo do lazer, considerando uma perspectiva de fruição, que oferece linhas de fuga ao ordinário, às obrigações, ao caráter produtivo. As práticas sociais cada vez mais variadas, individualizadas, mais sedutoras e ambíguas.

Dumazedier (2004) diz que nesse novo cenário comunicacional e relacional, se explora as proposições da valorização do caráter da vida divertida<sup>14</sup>. Diversão, alegria, emoção, constituem o mundo contemporâneo de modo mais estetizado. As tecnologias se valem desses recursos emocionais provocam desejo, prazer e bem estar, com o intuito de fazer com que a roda continue se movimentando. Essa então é a diferença que atendem e saciam emoções. Assim observamos a casa (o lar) não é só como espaço da produção, mas como espaço multifuncional que combina trabalho, lazer, abrigo e tantas outras práticas. Para autor (2004, p. 51) “as atividades com as tecnologias produzem uma valorização temporária de uma individualidade mais liberada. E ainda vemos desenhar aqui para essas mulheres rurais “uma ética da expressão mais livre de si”, mais individualizada. (DUMAZEDIER, 2004, p. 51).

As narrativas discursivas mostram o quanto as mulheres rurais estudadas nomeiam as experiências midiáticas tecnológicas como experiências de lazer, estimulação, alegria, interação, excitação. Lipovetsky (2006) chama-nos atenção sobre as transformações que

<sup>13</sup> Não é simplesmente uma tecnologia, é um meio de comunicação, uma infraestrutura material de uma determinada forma organizacional: a rede. (CASTELLS, 2003)

<sup>14</sup> MARZANO, A.; MELO, V. A. (Org.). A vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010



ocorrem na sociedade contemporânea e que têm dado ênfase aos lazeres, possibilitando uma esfera conjunta de divertimento em cadeia, exponenciado por meio da sua própria celebração. Uma mudança sem precedentes, em que as tecnologias de comunicação tornam o outro próximo e acessível e ainda podemos dizer que possibilitam uma individualização das práticas de lazer.

A tecnologia parece que reinventa o lazer no meio rural. As tecnologias tornam-se palco de novas experiências, traduzem formas que cruzam divertimento, desenvolvimento, descanso. Para Bauman (2013), as fronteiras antes sacrossantas que separavam lar e tempo de lazer foram quase que eliminadas, assim cada momento da vida torna-se um momento de escolha. Desta forma, os espaços e tempos de lazer também têm sofrido transformações. A individualização das práticas de lazer dentro do lar é possível de forma confortável, emocional, educacional.

As tecnologias usam a sedução emocional. No lazer e em outras situações a diversão tornou-se cada vez mais individualizada e pessoal. Observamos que esses novos tempos nos impõem outras formas de lazer, deslocando e associando o eixo do lazer compartilhado com formas de lazer individual.

## LONGE DO FIM, NOTAS FINAIS PROVISÓRIAS

Constatamos, ainda, as distinções entre o masculino e o feminino, que demarcam modos de construção social distintos. As mulheres, neste contexto, estão mais engajadas com as experiências religiosas. Para Lipovetsky (2006), encontramos-nos numa sociedade em modificação, e associamos as transformações da participação social das mulheres na acepção de igualdade de comportamentos, enquanto pessoas que procuram seu próprio lazer.

Mostramos que é possível identificar na esfera religiosa elementos frequentemente associados às experiências de lazer, fato que caminha em sentido oposto aos princípios historicamente balizadoras do cristianismo, dentre estes a negação do corpo, do prazer e do divertimento. Experiências religiosas atuais apostam na inversão destes valores na medida em que a exploração das emoções ocorre com os efeitos catárticos, seja dançando, cantando, teclando.

Afirmamos que as tecnologias digitais, tem se constituído como um aspecto importantes das experiências de lazer no meio rural por meio do usos e apropriações. O uso das tecnologias redefine a noção de comunicação individual e coletiva, e torna-se um



importante recurso para muitas mulheres. O conhecimento sensível e individual, a construção de si na relação com o outro tornam-se, portanto, imprescindíveis na produção dos significados dessas experiências de lazer. O lazer a produção de sentidos e significados cada vez mais marcado pelo imperativo do acesso e conexão à internet. A pergunta que faz sentido: “o que a tecnologia fez com o lazer e o que o lazer pode fazer com a tecnologia?” (VIANNA, 2011, p. 114). Por isso o título do nosso artigo, as mulheres convivem entre os antigos e novos lazers.

Nosso investimento analítico não se propõe como conclusivo e explicativo; está longe de ser concluído e é apenas provisório. Ele busca, sim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática e como abertura e contribuição ao debate. Esperamos que os resultados apresentados despertem para a necessidade de um conhecimento mais profundo das atividades de lazer vividas pelas mulheres rurais, considerando suas diferentes configurações, notadamente as diferenças internas, que dizem respeito à gênero e lazer. Observamos uma certa convergência entre a sociabilidade contemporânea mais individual e as tecnologias digitais. Parece que o lazer na contemporaneidade passa por uma revisão do tempo social e de revisão ética-estética.

#### RURAL WOMEN AND LEISURE EXPERIENCES: TRADITION AND CHANGES ABSTRACT

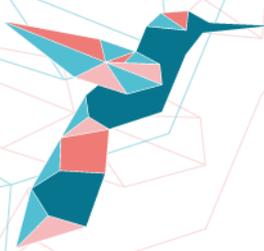
This article aims to map the leisure experiences developed by a group of 230 rural women in the city of Joia-RS. We used a qualitative approach from discourse analysis (FOUCAULT, 2010). It was found that women's leisure experiences move between tradition and change – from religion to technology.

**KEYWORDS:** *Women; Ruralidades; Leisure.*

#### MUJERES RURALES Y LAS EXPERIENCIAS DE ENTRETENIMIENTO: TRADICIÓN Y CAMBIOS

#### RESUMEN

El presente artículo tiene por objetivo mapear las experiencias de entretenimiento desarrolladas por un grupo de 230 mujeres rurales del municipio de Joia-RS. Utilizamos un abordaje cualitativo a partir del análisis del discurso (FOUCAULT, 2010). Se constató que las

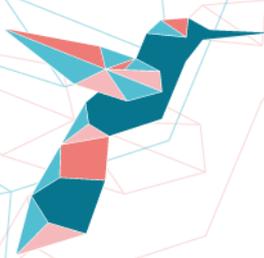


experiencias de entretenimiento de las mujeres se movilizan entre tradición y cambios – de la religión a las tecnologías.

*PALABRAS CLAVES: Mujeres; Ruralidades; Entretenimiento.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, M. J.; MALUF, R.S. *Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DUMAZEDIER, J. *Revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel; SESC São Paulo, 2004
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 2006.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV*. Michel Foucault. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240. (Poder e saber).
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Foucault estuda a razão do Estado*. Dito e Escrito IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GOMES, C. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG, 2008
- GOMES, C; PINTO, L. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais, cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, C. *Lazer na América Latina*. Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 67-122.
- GOUVEIA, E. *O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo*. 1986. Tese (Mestrado) – PUC, São Paulo, 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Portal Cidades*. 2013. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis Vozes, 2000.
- LIPOVETSKI, G. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- MACHADO, M. C. *Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada – um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais do Rio de Janeiro*. 1994. Tese (Doutorado) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.
- MEYER, D. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G; NECKEL, J, GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOVAES, R. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Marco Zero; Iser, 1985.
- SCAVONE, L. Religiões, gênero e feminismo. *Revista de Estudos da Religião – Pós-Graduação em Ciências da Religião*, São Paulo: PUC, Volume 8, pp.1-8, Dezembro 2008.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

VIANNA, J. *Os estudos do lazer e da comunicação: aproximações entre o técnico e estético na rede*. Rev. Estud. Comum, Curitiba, v.12.n 29, set/dez 2011.